

# **Artur de Carvalho e o incrível homem de quatro olhos - Um estudo sobre a crônica literária no Diário de Votuporanga**

**REZENDE, Vera Lúcia Guimarães<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

A crônica é um gênero narrativo frequentemente associado aos jornais de circulação nacional com sede nas capitais brasileiras. Tem presença marcante também em publicações do interior do país, entre elas o Diário de Votuporanga, no noroeste paulista. O presente artigo propõe um estudo aprofundado sobre as crônicas escritas pelo jornalista Artur de Carvalho, publicadas pelo jornal votuporanguense entre os anos de 1997 e 2000. A despeito do gênero não ser feito para durar, já que é parte do conteúdo de um veículo transitório cuja efemeridade não passa de um dia, as crônicas de Artur de Carvalho fizeram sucesso junto ao público local e se revelaram perenes e universais, atributos característicos de crônicas que transformam a intimidade da vida em literatura.

**Palavras-chave:** Crônica. Jornal local. Literatura. Votuporanga.

## **1. UM CRONISTA FORA DO EIXO**

Artur Bernardo de Carvalho nasceu em Campinas, interior de São Paulo, mas sua carreira como cronista começou em Votuporanga, 532 quilômetros a noroeste da capital para onde se transferiu em meados dos anos 80. Na época, atuava como publicitário, estudava Jornalismo na PUC de Campinas e já havia cursado três anos e meio de Arquitetura em Mogi das Cruzes. Desistiu na reta final ao perceber que “desenhar mansões de *socialites* para o resto da vida não estava de modo algum nos meus planos revolucionários. Foi quando larguei e resolvi dar uma repensada no futuro.” (Pg. 221, 2000). Mais tarde, já casado e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pelo Ibilce – UNESP, Mestre em Comunicação e Cultura, jornalista e docente dos cursos de Jornalismo da UNIFEV e Unilago. [veralgrezende@gmail.com](mailto:veralgrezende@gmail.com)

pai de uma menina, recebeu o convite do cunhado para sociedade numa pizzaria na cidade natal da esposa. Em Votuporanga, administrou a padaria do sogro, atuou como publicitário e finalmente concluiu o curso de Jornalismo. No final dos anos 90 ainda se via angustiado.

Nenhum dos meus sonhos profissionais estava sequer próximo de se realizar. A vida aqui no *interiorzão* é pacata. O jornalista melhor remunerado é o responsável pelas colunas sociais. A publicidade engatinha e os carros com alto-falante ainda são uma das melhores opções na área. Só a tranquilidade de ver minha filha de doze anos indo sozinha para a escola me dá a certeza de ter feito a escolha certa. (CARVALHO, pg. 18. 2000)

O convite para escrever no jornal Diário de Votuporanga em 1997 permitiu que Artur de Carvalho finalmente encontrasse resposta à pergunta que lhe incomodava tanto. “Qual profissão poderia cumprir a função básica de me sustentar e, ao mesmo tempo, satisfazer essa vontade insana de contribuir de alguma maneira para o bem estar da civilização?” (CARVALHO, pg. 220. 2000). Foram quase 15 anos escrevendo crônicas sobre os mais diferentes assuntos sempre com o olhar atento de alguém que vive numa cidade média no interior profundo do estado mais rico do Brasil.

O presente artigo propõe um olhar sobre alguns dos textos de Artur de Carvalho publicados no Diário de Votuporanga entre os anos de 1997 e 2000, posteriormente reunidos no livro “O incrível homem de quatro olhos e outras histórias”, publicado pelo próprio jornal em 2001. Apesar do gênero não ser feito para durar, pois é parte do conteúdo de um veículo transitório cuja efemeridade não passa de um dia, as crônicas de Artur de Carvalho reunidas em livro se revelaram perenes e universais. Atributos característicos de crônicas que transformam em literatura a intimidade da vida de cada um.

Quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora. (CANDIDO, P 14-15. 1992)

Com um texto leve, bem humorado e recheado de referências pessoais e locais, mas facilmente identificadas pelos leitores independente de onde eles estejam, Artur de Carvalho estabeleceu uma relação de cumplicidade com os leitores da sua cidade a quem oferecia quase que diariamente sua “preciosa cara para bater”, conforme escreveu na apresentação do livro.

A expressão não podia ser mais exata. Se você conversa com alguém praticamente todos os dias ao longo de quatro anos, uma hora ou outra acaba falando alguma coisa que esse alguém não queria ouvir. Foi mais ou menos o que fiz através das crônicas publicadas no “Diário”. Só que, em vez de conversar com uma pessoa só, eu estava conversando com uma cidade inteira. (CARVALHO, pg. 13. 2000)

De fato, por meio das crônicas, Artur conversava com os votuporanguenses sobre o noticiário em geral, o cotidiano em família e com os amigos, inventava histórias e principalmente refletia sobre tudo, até a morte. Ele próprio se auto repreendia quando ficava sério demais. “Certo. Um sábado desses. Um dia gostoso. Todo mundo com planos para pescarias ou para a boate à noite. E o estraga prazer aqui com esse papo funesto sobre a morte”, publicou em “Eternamente”, de fevereiro de 2000.

Trata-se de uma crônica modelar em que o autor parte de um artigo publicado pela revista científica americana *Nature*, sobre a descoberta da causa do envelhecimento dos animais. Colocado o fato deflagrador, o cronista introduz o operador textual da crônica: “agora que descobriram a causa, para inventarem a cura é um passo”. Para o autor a cura para o envelhecimento significa ausência da morte e a juventude eterna e por isso ele começa a ficcionalizar a partir do quarto parágrafo. “Isso quer dizer, meu caro, que provavelmente nossos bisnetos – ou, vá lá, os bisnetos deles – vão ter uma vida tão longa quanto Ponce de Leon sonhou ter. Ou seja: alcançarão a eternidade”.

## **2. O INCRÍVEL HOMEM DE QUATRO OLHOS**

Artur de Carvalho tinha um olhar atento aos fatos cotidianos na sua cidade e no mundo, até porque haja inspiração e assuntos para dar conta de

escrever uma crônica inédita a cada dois dias no jornal, conforme revelou durante uma entrevista ao programa Jô Soares em 2005. Na ocasião, Carvalho fez todo mundo rir ao comentar algumas das brincadeiras por meio das crônicas com objetivo de quebrar a monotonia da vida de seus leitores. A maior dessas brincadeiras data de 12 de janeiro de 1999 e deu o que falar em Votuporanga. A crônica “O incrível homem de quatro olhos” começava assim,

Num sensacional furo de reportagem, a equipe do “Diário de Votuporanga” mostra em primeira mão para todo o Brasil, a foto inédita do único homem conhecido que conseguiu até a vida adulta com dois pares de olhos. O repórter Silvio Dorneles, do “Diário”, após ser assediado por jornais e TVs de todo o país para que apresentasse o “furo” como sendo de suas equipes, preferiu lança-lo em nossa própria cidade. - *Esse será um dia muito especial para Votuporanga. O Brasil todo estará com os olhos voltados para nosso município*, disse Dorneles. O homem, que aparenta ter seus cinquenta anos, foi encontrado quase sem querer por nosso repórter. Ao passar o natal com sua mãe, em Palmeira d’Oeste, cerca de 100 km a oeste de Votuporanga. (CARVALHO, pg. 104. 2000)

Não bastasse o título no mínimo intrigante, o texto ainda veio acompanhado de uma foto da suposta criatura, uma imagem toscamente tratada por computador pelo próprio Artur de Carvalho. Na época, o que ele não imaginava é que alguém poderia acreditar naquela história absurda. Na crônica que enganou tanta gente, o cronista relata todo o trabalho de apuração de um suposto repórter do jornal que em nenhum momento esteve frente a frente com a tal criatura.

O homem jurava que, num sítio muito próximo dali, conhecera há alguns anos um homem que possuía não dois, mas quatro globos oculares. Dorneles riu ao imaginar que se tratava de uma brincadeira de mau gosto e se levantou, decidido a ir embora. Foi aí que se deu o impossível. O homem, que preferiu manter-se incógnito, foi até o fundo de sua casa e de lá voltou com um álbum de fotografias. Trêmulo, começou a folheá-lo. Apontou uma página e passou o pequeno volume para nosso repórter, explicando que a foto era de alguns anos atrás, mas que o homem continuava vivo e ainda vivendo por lá. [...] Dorneles percebeu imediatamente o potencial daquelas declarações. Ao observar que o homem parecia titubear em suas respostas, imediatamente ofereceu-lhe todo o dinheiro que havia trazido em sua viagem, uma quantia mais que razoável. (CARVALHO, pg.106. 2000)

Pode-se até depreender nas entrelinhas uma leve crítica imprensa sensacionalista que busca o espetaculoso em detrimento da informação custe o que custar. A composição da ironia inclui também o perfil do repórter, ingênuo, inexperiente e provinciano como o jornal que, ávido por notoriedade, decide publicar a história. “Com essa reportagem, certamente nosso município ficará em evidência em todo o país. Esperamos com isso estar contribuindo para o progresso de nossa indústria de turismo e, porque não, de todo o comércio da cidade”.

A despeito das tantas pistas inverossímeis, dezenas de leitores ligaram para o jornal querendo saber onde encontrar a criatura, inclusive um repórter da emissora educativa da cidade disposto a fazer uma reportagem telejornalística. “Não vou dizer o nome, seria antiético. O repórter está aí, trabalhando em uma grande emissora de TV”, declarou ao Programa do Jô em meio a gargalhadas da plateia. O “mal entendido” foi desfeito dois dias depois na edição de 14 de janeiro por meio de outra crônica igualmente inverossímil, “O quatro olhos era uma fraude!!!”.

Lamentamos o fato de que, infelizmente nosso repórter Silvio Dorneles viu-se envolvido num grande golpe que tinha como objetivo extorquir-lhe o dinheiro que trazia consigo. Logo após os fatos narrados na reportagem anterior, onde o jovem e ambicioso repórter foi chamado a uma residência à Rua Benjamin Constant, nº23, em Palmeira d’Oeste, para tomar conhecimento da existência do tal homem “quadriocular”, o sujeito responsável pela “descoberta” apoderou-se do dinheiro de Dorneles e não foi mais visto, embora ainda não tivesse relatado os detalhes que completariam a reportagem sobre o caso. (CARVALHO, pg. 107. 2000)

Numa progressão textual marcada pela fantasia, o cronista conta que o repórter pediu demissão e “fez uma declaração formal isentando totalmente o jornal dos problemas que porventura tenha causado e pedindo desculpas públicas frente à população votoporanguense”. (CARVALHO, 2000, pg. 108). O incidente envolvendo o suposto homem de quatro olhos dá bem uma ideia da cumplicidade do cronista com os leitores, e mostra ainda como suas

“brincadeiras” eram interessantes para o jornal que o manteve a despeito da falsa notícia.

Um ano depois, no prefácio do livro do cronista, o proprietário do Diário de Votuporanga, Nelson Camargo, se dizia orgulhoso de ter Artur de Carvalho como companheiro de redação apesar de às vezes também ser surpreendido por suas histórias. Para o jornalista, os arrebatamentos verbais do cronista podiam até afetar a sensibilidade de algum leitor, mas se deviam à sua incrível capacidade de criação, além de enriquecer o jornal.

Como todas as criaturas em que borbulham ideias contrárias às convenções, versátil no sublime e na sativa, irreverente sempre pela crítica pronta e mordaz, não é difícil situar o Artur, entre os escritores amenos e carinhosos, quase um “cronista doméstico”, no testemunho ao seu público da veneração à filha e à companheira de vida, que tanto exalta nele a criatura humana. [...] Seus arrebatamentos verbais podem ferir a sensibilidade de um possível leitor que discorda, às vezes dos seus conceitos enunciados. O que nunca podemos é deixar de admirar a vivacidade do seu estilo.<sup>2</sup>

### 3. IMPRENSA LOCAL

O respaldo do dono do *Diário do Votuporanga* deixava Artur de Carvalho à vontade para continuar escrevendo sobre o que quisesse, respeitando, é claro, a cumplicidade com os leitores votuporangenses. A cidade surgiu em 1937, na região noroeste, uma das últimas fronteiras agrícolas do estado de São Paulo. Em 1945, foi elevada a município e pouco depois recebeu os trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense que impulsionaram a economia local, baseada na agropecuária.

Na época, a cidade já se impunha como polo regional e isso levou o advogado Nelson Camargo a fundar o primeiro jornal da cidade, *A Vanguarda*, que começou a circular em 1954 noticiando fatos locais e regionais. Para se viabilizar como negócio, publicações com este perfil devem refletir modos e usos da comunidade em formação, suas aspirações e interesses. Foi o que aconteceu com o jornal que mudou o título para *Diário de Votuporanga*

---

<sup>2</sup> Prefácio do jornalista Nelson Camargo, fundador e proprietário do Diário de Votuporanga ao livro “O Incrível Homem de Quatro Olhos e outras histórias”.

consolidando-se como mídia identificada com o local segundo o conceito de Peruzzo.

O local se caracteriza como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar, que lhe diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes. (PERUZZO, pg. 45. 2003).

De fato, é no espaço local que se definem os contornos da vida diária dos membros de uma comunidade, bem como suas atividades sociais e econômicas. Assim, o jornal local desempenha o papel de porta-voz, pois "... se ancora na informação gerada dentro deste território de pertença e de identidade de uma dada localidade ou região" (PERUZZO, pg. 74-75. 2005). Ele se torna parte integrante do desenvolvimento local e ganha importância devido a sua função informativa a respeito do que acontece na comunidade e em torno dela.

Hoje a área de cobertura do *Diário de Votuporanga* se estende por sete municípios no seu entorno, com uma tiragem de cerca de três mil exemplares, fazendo dele um veículo de caráter regional que retrata acontecimentos a partir dos cidadãos, organizações e diferentes segmentos sociais. Trata-se de uma mídia de proximidade que segundo Peruzzo, "caracteriza-se por vínculos enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas". A imprensa do interior tende a replicar a linha editorial dos jornais das capitais cobrindo os mesmos tipos de assuntos desde atos do poder público, cidades, política, economia, entretenimento e cultura. Privilegiada pela proximidade, ela dá vazão ao fluxo de informações e abre espaço para os cidadãos reivindicarem melhores serviços políticos, prestarem contas e agentes culturais mostrarem sua arte.

## CONCLUSÃO

Era no espaço dedicado à cultura e ao entretenimento, o caderno Livre, que o Diário de Votuporanga publicava as crônicas de Artur de Carvalho dia sim dia não. O cronista encarava esta atividade como uma espécie de missão, como colocou em “A função do cronista”, publicada em 13 de julho de 2000. Na primeira parte, ele fez um balanço da vida: revelou que não terminou o curso de arquitetura e que passou anos fazendo experiências, inclusive como dono de padaria onde descobriu que seu ofício era contar histórias.

O contato direto com os clientes me ensinou muito sobre o ser humano. A solidão. Os medos. A felicidade. Nesses quatorze anos de convivência, eles me trouxeram charutos para comemorar nascimentos. Me trouxeram raios X dos próprios pulmões. Comeram. Beberam. Deram risadas. Alguns esperavam de mim apenas um bom ouvinte, mas a maioria queria mesmo era ouvir alguém. O ser humano, mais até que de uma residência, precisa muito de palavras. De conforto, de incentivo, de revolta. Mas palavras. Foi quando resolvi definitivamente o que eu queria, ou devia, fazer dessa vida. Larguei tudo que tinha – que não era muito, a bem da verdade – e vim escrever para o jornal. (CARVALHO, pg. 220. 2000)

O texto sugere que a vivência como padeiro foi algo determinante para o surgimento da figura do cronista. Se antes havia um balcão repleto de croissants e broas de milho entre ele e as pessoas, no jornal o espaço de conversa com as pessoas se expandiu para toda a cidade e região. Talvez isso explique o desprendimento de Artur ao narrar tantas histórias pessoais envolvendo, inclusive, a própria família. Além de cúmplices, os leitores eram pessoas muito próximas.

Hoje, desconhecidos me param na rua. Me cumprimentam. Comentam que se sentem quase íntimos. Seguem minhas crônicas há três anos afinal de contas, e chegam até a dar palpites sobre a maneira de eu educar minha filha. Concordam com muita coisa que falo. Discordam de outras. Mais ou menos como convivemos com nossas esposas, esposos, pais e mães. Ok. Posso não estar atuando diretamente na vida das pessoas, como arquitetos, os médicos e os políticos. Mas estou servindo, ao menos, de companhia. Pode não ser grande coisa, mas já é um começo. Eu acho. (CARVALHO, pg. 222. 2000)

As crônicas de Artur de Carvalho fizeram parte do cardápio de conteúdos jornalísticos oferecido aos leitores do Diário de Votuporanga, entre os anos de 1997 a 2012, quando ele faleceu aos 51 anos de idade. Sua inquietação e humor se mantêm na memória dos leitores votuporanguenses que o acompanharam nas páginas do jornal naquela época e também das novas gerações, por meio de sua obra reunida em dois livros, frequentemente adotados pelas escolas locais.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio et alii. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, Artur de. **O incrível homem de quatro olhos e outras histórias**. Editora Jobemar. Votuporanga. 2000.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Anuário Unesco-Umesp de Comunicação Regional. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, 2003. p. 52-78.

\_\_\_\_\_. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.